

**A MISSÃO PAULINA:
«QUANDO SE TEM UM FOGO
NO CORAÇÃO...»**

Anna Caiazza, fsp

Seul, 14-24 de junho de 2011

A MISSÃO PAULINA: «QUANDO SE TEM UM FOGO NO CORAÇÃO...»

«A vida consagrada necessita de mística, paixão e profecia», com estas palavras começava o primeiro Congresso internacional sobre a vida consagrada, em 2004, que estimulou religiosos e religiosas a vencer a resignação e a desilusão, a prudência e o conservadorismo e abrir-se com audácia aos sinais dos tempos e dos lugares, despertando a atração de uma vida renovada e fiel em seguir Jesus e o entusiasmo pela missão.

A missão escreveu as mais belas páginas da nossa história. Uma missão “clara” (fazer conhecer Jesus Cristo, sua doutrina e seu culto), envolvimento atraente, apaixonante. As iniciativas multiplicavam-se. O critério era aquele continuamente repetido pela Primeira Mestra Tecla, lei escrita no coração de cada Filha de São Paulo: «Contanto que façam o bem!». Portanto, sair, caminhar, buscar, levar a Palavra de vida até o último casebre da menor das vilas. Para que, como sempre sublinhava Alberione:

... as quatro mulheres piedosas que comungam cada manhã, os quatro jovens que se reúnem com o pároco todas as noites, não são a cidade toda, não são todo o povo: muitas outras ovelhas *estão fora do aprisco* e não vêm até o Pastor porque não o conhecem, porque talvez não o queiram e não o querem porque não o conhecem. Todas as pessoas devem ser salvas: é preciso que o Pastor chegue até elas e hoje à essas pessoas se vai com a imprensa (PP,pp.645s).

... *estão fora do aprisco*. A preocupação constante de Alberione, sempre atormentado por aquilo que definia como «o grande problema» (*Onde caminha, como caminha, para que meta caminha esta humanidade, que está em contínua renovação sobre a face da terra?»*) e hoje é a nossa preocupação? Como fazer-nos, hoje, companheiras de caminho dos homens e das mulheres de nosso tempo? Como expressar a profecia da nossa consagração e comunhão de vida numa missão que acompanhe os novos percursos que o Espírito vai abrindo?

Tentações e desafios da evangelização hoje

Uma primeira tentação que está se difundindo nos contextos eclesiais (as vezes também nos nossos) é a *resignação*. Mesmo quando se chega a não chorar o passado (aquele dos grandes números...), há um número consistente de evangelizadores que se limita – com muita boa fé e não sem amargura e inquietação interior – ir para frente seguindo a rotina, governando o governável, isto é, as *noventa e nove ovelhas* (que ao mesmo tempo reduziram-se a poucas unidades...), porque a *ovelha perdida* (ao mesmo tempo multiplicou-se por setenta-eitenta...) parece inatingível).

Busca-se salvar o salvável, fechando o aprisco para não perder as ovelhas que ainda permanecem e cuidando dos poucos fieis, atenuando deste modo a força explosiva do Evangelho, opondo-se à esperança, desperdiçando o entusiasmo da missão, matando a criatividade do Espírito, renunciando à atualização necessária...

Uma outra tentação emergente é o *fundamentalismo*. Os integralistas encontram-se por todos os lados: encontram-se em certos movimentos, às vezes também nas igrejas e nos conventos... São aqueles que sempre comentam “seus tempos e seus costumes”, que condenam, sem compaixão, quem “não pensa como eles”, que levantam barreiras em vez de construir pontes; aqueles inclinados a sublinhar a importância da identidade cristã em termos de defesa e de contraposição, esquecendo-se (ou nunca tendo sabido) que «Deus não mandou o Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que fosse salvo por meio dele» (Jô 3,17); aqueles que pensam que o anúncio da Boa Nova deve usar a força das pedras do templo, mais que a fraqueza da Cruz e da tenda do testemunho; aqueles saudosistas de um cristianismo forte para “levar o mundo para Deus”, mudando deste modo o fermento pela massa e as sementes pelos frutos.

Enfim – e finalmente – na Igreja existem também aqueles que, seguindo a lógica eucarística da encarnação, escolhem ser *missionários*, isto é, procuram viver a *simpatia*¹ para com o mundo; esforçam-se para viver em companhia de mulheres e homens do nosso tempo e, em vez de usar barricadas para defender-se do “inimigo”, advertem que o momento presente é o *Kairos*, o momento oportuno.

O *desafio do missionário* é, portanto “a companhia com as mulheres e os homens do nosso tempo”; é o caminho da evangelização, de uma *nova evangelização*, co-natural ao carisma. Ouçamos o que diz Alberione:

O mundo tem necessidade de uma nova, longa e profunda evangelização... São necessários meios adequados e pessoas inflamadas de fé (PP, pp. 680s.).

Há necessidade urgente de novos missionários, e numerosos, e jovens, e cheios de vontade e de entusiasmo, para que a nossa imprensa, a imprensa cristã entre em todas as famílias....(ivi, p. 682).

Isto, para nós, é redescobrir os componentes da “paróquia paulina”: as noventa e nove ovelhas fora do aprisco! “Ovelhas” que só podem ser procuradas por quem tem dentro de si uma grande “sede”.

Por quem tem sede de almas como Jesus: é a oração com a qual, no final de 1923 e no início de 1924, a jovem Família Paulina era educada pelo Fundador a unir a própria vida de modo eucarístico àquela de Jesus, pela salvação de todos.

... Sentir a sede divina pelas almas como a sentia Jesus. É a vida de São Paulo: é sentir o «Cristo vive em mim»; como Cristo propagandista, como Paulo caminheiro de Deus (RA, abril de 1949).

Devemos ter sede, porque a humanidade tem sede.

¹ *Sympatheia*, isto é, capacidade de perceber as situações envolvendo-se; implica preocupação, desejo.

A humanidade sofrida de nossos dias tem sede, assinalada de sempre novas pobreza, das violências, das guerras, do terrorismo, da concentração de poder, do sistema econômico perverso e do egoísmo, da necessidade de amor e de transcendência.

O próprio Deus tem sede. E nós, criados à sua imagem, somos imagem de sua sede.

«*Tenho sede*», é a palavra do Homem do Calvário. Uma condição existencial que nos torna sedentas, mas também *fonte*, por meio desta missão bela porque é a mesma missão de Cristo» (FSP41, 166). Uma missão que nos impele continuamente a *sair do aprisco* “inventando” sempre novas formas e iniciativas de apostolado:

Jesus Cristo ensinou a não ficar esperando as pessoas, mas procurá-las. Como o Mestre, o apóstolo deve propagar a Palavra divina nas cidades, nas vilas, nas casas, até as mais distantes. Deve ultrapassar os montes, sulcar os oceanos, chegar a todas as pessoas, «ut luceat omnibus» (Mt 5,15). Deve interessar-se pelas pessoas em particular, pelas famílias, pelas paróquias. Organizar livrarias, formar zeladores, entrar em todas as associações, convencer os chefes de trabalho, os diretores de escola, as pessoa que detém autoridade... (AE, 388).

Padre Alberione: «o fogo na alma»

Durante uma noite de adoração o Senhor lhe fez compreender que começando o novo século era preciso estabelecer a vida sobre a Eucaristia e sobre a atividade.

Assim falava o Padre Alberione em 1952 às Filhas de São Paulo. Um evento espiritual intenso e envolvente imprime em sua vida uma reviravolta decisiva. Compreende o significado profundo do convite de Jesus: «Venite ad me omnes». Intui, à luz do Espírito «o dever de ser apóstolos de hoje», de «fazer o Evangelho penetrar nas multidões» usando «os novos meios de apostolado» (AD 14-15).

O efeito daquela luz é um impulso interior irresistível: «Sentiu-se profundamente obrigado a preparar-se para fazer algo pelo Senhor e pelas pessoas do novo século com os quais viveria» (AD 15). Compreendeu que tal missão – que envolve outros, muitos outros, a admirável Família Paulina – é «viver e dar ao mundo Jesus Cristo caminho, verdade e vida» com a imprensa e com todos os instrumentos de comunicação que o progresso ofereceria à humanidade. Aquele jovem seminarista deu-se conta que o progresso técnico ofereceria à sociedade meios novos e sempre mais eficazes para comunicar. Percebeu que a comunicação teria um papel chave no novo século e que para anunciar o Evangelho a todos, seria necessário dar à Igreja novos instrumentos e novas possibilidades para a missão

Aquele “semi-cego que é guiado e no seu caminho, de tanto em tanto é iluminado» (AD 202) não compreende tudo e logo: há uma maturação progressiva nele, uma espera interior, uma disponibilidade aos sinais dos tempos, aos quais se mostra sempre atentíssimo. Porque é Deus quem guia, é Deus que abre os caminhos: a nós basta vigiar na paz (cfr. AD 43-44).

Aquela luz acompanhará todo o caminho de Padre Alberione, e alimentará sua paixão por Deus e pela humanidade.

Aquela mesma luz envolverá Mestra Tecla, a apóstola que participou da experiência espiritual do Fundador e que “traduziu para o feminino” a inspiração originária do Espírito e o projeto que dele derivava. De seu coração apaixonado desabrocharam expressões de mística apostólica de extraordinária força.

São Paulo dizia: Ai de mim se não evangelizar; e nós também dizemos: Ai, se depois de ter ingressado nesta congregação, não coloco todas as forças a serviço de Deus. A maior desgraça que pode acontecer a uma religiosa é, com certeza, aquela de não colocar todas suas forças a serviço de Deus, gastando as próprias energias em coisas frívolas... A idéia força que nos deve animar são as pessoas. Devemos sentir a obsessão devemos preocupar-nos com o modo de aproximá-las, de levar-lhes a palavra da verdade e da salvação. Quantas pessoas nunca ouviram falar de Deus (...). Quem deve levá-las a Deus senão nós que recebemos tantas graças de Deus e temos entre as mãos meios muito eficazes de apostolado?...(VPC 140).

Filhas de São Paulo: mulheres “apaixonadas”

Toda experiência apostólica é, para Padre Alberione, experiência mística:

O apostolado é a flor de uma verdadeira caridade para com Deus e para com as pessoas ; é o fruto de uma vida intensa, interior. Supõe um coração ardente, que não pode conter e comprimir o fogo interior...

Não dois caminhos (espiritualidade e missão), mas um único dinamismo que vem do alto, porque é o amor de Cristo que move ao apostolado (cfr. 2Cor 5,14):

Todos ao apostolado! Tudo em direção ao apostolado! Existe em nós tanto amor de Deus para desejar que este amor de Deus seja conhecido, amado; que venha o seu reino? É preciso ter um fogo na alma com duas chamas: o amor de Deus e o amor às pessoas. No amor, a vida: «A caridade de Cristo nos impulsiona» (RSP, p. 30).

É o que bem exprime o Documento final do 8º Capítulo geral:

A paixão apostólica desabrocha de uma única fonte: o amor de Deus que nos impulsiona a comunicá-lo e o amor à humanidade, que nos faz encontrar as linguagens adequadas e os meios certos para que a mensagem chegue ao coração de todos (DC 2001,31).

Esta paixão, já vivida por Paulo, por Alberione e por Tecla, nasce da mesma experiência: o encontro pessoal e vital com Cristo Palavra e Eucaristia, que torna a apóstola contemplativa na ação e ativa na contemplação. Quem faz uma verdadeira experiência de Deus, de fato, sente muito forte o desejo de comunicá-lo a todos,

transpira Deus por todos os poros: com as palavras, a oração, os gestos, as atitudes; em público e em particular, com todo seu ser. Viver de Deus! E dar Deus! (UPS IV, 278).

Padre Alberione, desde o começo abriu para seus filhos e filhas os horizontes da mística apostólica. Fez isso de modo simples, no dia a dia, para que resultasse como algo “natural” pela eficácia missionária. Mestra Assunta lembra:

Uma manhã (parece-me que foi num domingo), padre Alberione subiu numa mesa da ligatoria e falava em pé, e nós em pé, ao redor da mesa. Lembro uma frase daquela meditação: «Quando se fala de mística não se entende somente falar de manifestações extraordinárias, mas de como viver em comunhão com Deus para ser apóstolas. Todas vocês são chamadas a uma vida mística...»².

Padre Alberione deveras indicou o cume mais alto da mística apostólica que as Filhas de São Paulo devem atingir:

Existem pessoas que são chamadas a sair de si mesmas, a atingir uma união perfeita com Deus. Naquela “quase” fusão do coração, da vontade e da mentalidade com Jesus...! Ele vive em mim, ele ama em mim, ele quer em mim, trabalha em mim, faz apostolado em mim.

De *mística apostólica* e *paixão* falaram explicitamente as superiores de circunscrição no Intercapítulo quando, na ótica do redesenho da missão e em vista dos Encontros continentais de apostolado e economia, expressaram a urgência de:

revitalizar o significado da missão e da *mística apostólica*: o que significa ser enviadas, a quem, qual paixão nos anima para remotivar-nos a fazer algo para a humanidade deste século, tendo clara a nossa identidade de mulheres consagradas a Deus e apóstolas do Evangelho, e enfrentando com coragem os desafios que estão à nossa frente, como Paulo.

À luz desta reflexão parece-me importante, após ter evidenciado a importância da *mística apostólica*, dedicar algumas palavras à “paixão”, que alimenta a mística e da qual é alimentada.

O termo “paixão”, entre seus muitos significados, indica também buscar um objetivo que se deseja intensamente. No seu valor positivo a paixão é um impulso interior maravilhoso, inesperado, que gera novas energias e faz investir todo recurso para atingir a meta. A paixão envolve (e compromete) a vida, muda os critérios e perspectivas, faz esquecer-nos de nós mesmas, abre ao sacrifício e à fadiga, reforça a vontade, dá impulso ao coração.

Não é difícil encontrar confirmação de tudo isso em Paulo e em Alberione, cuja paixão pelo anúncio do Evangelho os fez grandes contemplativos e homens de ação, empreendedores e audazes, porque

... o amor, o verdadeiro amor é criativo. Quando se tem no coração um fogo, encontram-se muitas iniciativas e invenções. O verdadeiro amor é aquele que se demonstra com a fadiga de cada dia pelo apostolado: esse amor faz pensar, organizar, correr» (HM II, 182).

A paixão pelo Evangelho nos dá a «audácia de levar adiante a função, não sair em retirada ou, pior ainda, o silêncio» (S. Sassi); de seguir adiante, mesmo sabendo que cada etapa que se conclui abre o caminho para novos começos. Somente os que tem

² A. Bassi, A missão das Filhas de São Paulo, Filas de São Paulo - Casa geral, Roma 2006, p. 60

lucidez podem ver as luzes de uma nova aurora e aqueles que aprenderam ser audazes têm capacidade de começar e caminhar como num novo dia, onde mais uma vez, Deus faz novas todas as coisas» (J.A.Arnais).

Redesenhar a missão

Para que o Evangelho chegue ao coração de todos

Eu não conheci o Padre Alberione, mas sempre tive saudades dele, de sua presença nos anos de minha formação, daquelas suas palavras que entusiasmaram e fizeram sonhar as primeiras gerações paulinas. As histórias, a respeito, são numerosas. E ficamos maravilhadas com sua profecia do trem que, um dia, entraria no pátio da casa de Alba para carregar e levar a Família Cristã para toda a Itália... Com certeza é comovente e nos faz refletir sobre as coisas que ir. Assunta Bassi conta no seu livro de memórias:

... enquanto estávamos despachando o folheto litúrgico *La Domenica*, passou Padre Alberione e nos perguntou:

- O que estão fazendo?

- Estamos fazendo os pacotes de *La Domenica* – respondemos.

E ele: - Não, não estão apenas fazendo pacotes. Estão pregando para muita gente!³

Como é importante que junto às formandas, às professoras jovens, esteja alguma irmã que faça “voar alto”, que abra horizontes também ao humilde e anônimo ficar atrás de um balcão/púlpito de uma livraria, que ajude a impelir o coração sobre os caminhos do mundo, que eduque ao trabalho, ao sacrifício, à renúncia, à reparação, à paciência, ao heroísmo.

A paixão apostólica não se compra, bem certinha, no supermercado; nem se recebe por infusão da graça no momento do batismo ou da consagração religiosa. Certamente são importantes os carisma pessoais; conta muito a predisposição ao entusiasmo, o espírito de iniciativa, o dinamismo, a audácia... Porém, a paixão apostólica é, essencialmente, cultivada, alimentada; é fruto de contínuos exercícios na escola do Mestre; é feita de busca constante dos caminhos de Deus, e de atenção vigilante aos seus sinais; exige “curiosidade intelectual”, atitude (conquistada) na percepção positiva da realidade e problemas, capacidade de diálogo com a sociedade, com a história, também a mais dramática.

Neste encontro de apostolado-economia recolheremos, com certeza, muitos impulsos para *redesenhar o apostolado à luz do carisma*. Sendo coerente com o que foi dito até o momento, gostaria sublinhar duas atitudes que me parecem essenciais para expressar a nossa paixão por Deus e pela humanidade: o *diálogo* e a capacidade de *habitar* os âmbitos e as formas do nosso apostolado.

Quando falamos das nossas livrarias, desejamos fortemente que elas se tornem sempre mais, lugares de encontro e de *diálogo*⁴. Mas, o que é o diálogo e como se realiza?

³ *Ivi*, p. 15

⁴ A palavra *diálogo* deriva do grego *dia-logos* (*dia* quer dizer *entre*; *logos* é a palavra, o discurso)

Para que seja diálogo é preciso estar “*entre, no meio*. Não *acima* (isto é distantes, separados, desinteressados ou em atitude de superioridade), e não *abaixo* (escondidos, talvez porque resignados, desconfiados, ou porque se pensa não estar à altura...), mas, no mesmo plano. Não para ocultar-se, nem para conformar-se, nem para agir como os outros, mas *colocar em comum*, para *partilhar* a Verdade.

Este modo de *estar no meio* é muito bonito. E é muito cristão, muito paulino. Assim fez Jesus, que sempre viveu no meio do povo, pregando a todos, sem fugir do contato, falando aos sábios e aos mais ignorantes, aos ricos e aos pobres. Sempre “no meio”. Assim fez Paulo, na origem do cristianismo; chamado o Apóstolo das gentes, exatamente por estar sempre no meio de todos: o primeiro missionário.

A outra “atitude” a deduzo daquelas provocações sugestivas recebidas no Intercapítulo sobre o tema do *habitar* (e do ser *habitadas*).

Habitar é sempre uma exigência que revela a identidade missionária. Inicialmente é o território, e portanto, um espaço físico, o parâmetro para identificar a comunidade cristã: no território, por menos que se possa encontrar, encontra-se todos, ninguém é excluído. E é esta, precisamente, a missão: mover-se, deixar-se encontrar, interceptar todos.

Neste sentido *habitar* é “prever lugares intermediários...aptos a favorecer a passagem, o encontro, o acolhimento» (mons. D. Pompili). E quem mais que a mulher que é sempre «ambiente» receptivo, sensível, disposto a deixar-se “habitar”, pode promover o encontro? Quem mais que uma mulher apóstola, que na sua vida fez espaço à Boa Notícia, pode fazer-se mediação do encontro com a Palavra, criando as condições que o tornem possível para todos? E quem, pode fazer mais que nós, apóstolas paulinas, herdeiras de um carisma que conjuga de modo admirável profundidade espiritual, criatividade apostólica, capacidade de ler os sinais dos tempos, sensibilidade, atitude para entrar em empatia com ambientes e pessoas?

O primeiro passo

Na conclusão da sua relação, no Intercapítulo, ir. M. Antonieta leu um sugestivo “dito” dos Padres do deserto:

Uma vez, o abade Lot foi visitar o abade Luca e lhe disse: «Padre, porquanto posso, observo a regra, faço pequenos jejuns, pratico um pouco a oração e a meditação, mantenho o silêncio e, na medida do possível, procuro ter sempre pensamentos limpos. O que mais deveria fazer?»

O monge ancião colocou-se em pé, levantou as mãos para o céu e seus dedos transformaram-se em dez tochas flamejantes. Então disse: «Por que não te transformas em fogo?»

O Espírito Santo nos ajude sair de nossas angústias “Jerusalém” e nos ensine alargar os confins do coração, ajudando-nos a encontrar aquela carga motivacional que estimula a criatividade apostólica e nos conduza a uma “conversão” salutar...

Provavelmente são muitos os passos a serem feitos para redesenhar a missão. Ainda que fossem milhares, comecemos com o primeiro: reacendamos a paixão, transformemo-nos em fogo!

Anna Caiazza, fsp